

15º CONCURSO FNLIJ LEIA COMIGO! 2016

RELATO REAL

A HERANÇA E A PARTILHA

Autora: Ana Elisa Ferreira Ribeiro

Belo Horizonte – MG

Há anos venho cultivando, aqui e ali, de um jeito e de outro, uma biblioteca. Comecei pedinte: “Mãe, compra?”, o que surtia sempre bom efeito. Ali dei início à empreitada mais cara, provavelmente, da minha vida. Cara, sim, mas sem qualquer sombra de arrependimento. Comprar livro jamais me pareceu um desperdício.

Sem pensar muito na tecnologia predominante, na máquina hegemônica ou na marca do software, fui juntando meus desejos em prateleiras, ora brancas, ora cor de café. Incluem-se entre meus quereres as próprias estantes, que chegaram leves e se tornaram pesadas e firmes. Os livros, além de outras coisas, ajudam a estabilizar parafusos e a fincar pés. As estantes foram sendo necessárias, já que os livros foram ficando incontidos.

Há décadas venho juntando o resultado das minhas leituras, sejam elas passadas ou futuras. Pedi o que os professores indicaram, pedi o que ninguém me contou, pedi o que ouvi falar que era bom, pedi o que cismei de conhecer, pedi o que ninguém me deu. Chega uma hora em que é importante dar passos com meus próprios pés, comprar meus próprios livros, sem dar desculpas a ninguém. Um risco: se a escola não pediu, pra que serve? Não me venham com isso. É o leitor que manda, quando ele pode. E eu queria mandar.

Bem, das indicações escolares aos desejos íntimos, surgiu, então, parte do aparato que sustentou minha vida. Sem exagero, é a vida que está ali, atrás das lombadas. E então, quando vi que pedir à mãe já não cabia, parei de lanchar, que era um jeito diet de ler mais e continuar cultivando minha imaginação; continuar regando a alma; continuar oferecendo insumo ao que eu ainda iria escrever.

Formada minha biblioteca, sempre em expansão, seja ela impressa ou virtual, resolvi, depois de me tornar mãe, fazer algo parecido pelo meu filho, ainda sequer leitor. Com a vantagem de conhecer autores e de ganhar livros de presente (muita vez autografados), comecei a compor a estante do meu guri. Não sei se ele a quererá, nem sei se ele sabe o que ela significa, mas ele já gostava de capas e lombadas coloridas.

Comprei uma pequena estante multicolor para alojar o leitor que eu tinha certeza de ter parido. Não é possível? Será que não? O que seria de mim sem isso? Que herança verdadeiramente deixar? Melhor fazer minha parte. E fiz. E faço.

Passei alguns anos cultivando certa ansiedade. Por algumas vezes, cheguei a engolir certa vontade de chorar ao ver o menino aprendendo o alfabeto, sendo apresentado à leitura. Ficava ali, espreitando cada investida dele sobre o texto, cada passo que ele dava em direção às palavras escritas. Não forcei, mas deixei claro que havia estantes à disposição. Acesso não é tudo. Acesso é só uma porta aberta. Não é pouco, no entanto. Mas é preciso querer entrar.

Cheia de um ambiente propício, dona de um jardim de livros, autora de outros, chegou o dia de ver meu filho entender uma história escrita. Não foi

fácil. Como é complicado aprender a ler! Como é digno chegar ao sentido. Fui acompanhando, sem alarde, as conquistas do garoto, que não demonstrava pela escrita o mesmo interesse que eu, mas que se esforçava por compreender a operação que abria os caminhos da literatura e de tudo o mais que se quisesse aprender. Há anos venho lendo à noite para meu piá.

Há anos participo, com ele, daquele ritual da escolha de um livro, da luz do abajur, de recostar na cabeceira da cama, de ter um bom edredom onde esquentar os pés, de assumir o controle do ritmo da história, de mostrar gravuras e a bela ilustração, de admirar-me com ele dos rumos da narrativa, dos sustos da poesia. Lá íamos nós, sempre comigo à frente, com o livro aberto nas mãos, esperando o sono chegar.

Passamos anos, eu e meu menino, reiventando histórias, relendo coisas engraçadas, tecendo tramas. Anos sendo a leitora oficial do campeonato, a voz que traduzia letra em encanto. Até que chegou o dia.

Poucas vezes me dei conta de uma alegria tão imensa e tão sensata. Foi assim: escolhemos o livro, sentei-me na cama, ajeitei-me sobre os travesseiros, cobri meus pés e concentrei-me no volume que eu mesma segurava. Ele, por sua vez, ajeitou-se do mesmo modo de sempre, ao ponto de eu não perceber diferença em sua intenção. Quando eu ia começar a leitura, meu guri assaltou-me. Tirou-me das mãos o livro e, com firmeza, ordenou: “deita, mãe. Hoje EU vou ler para você”.

E cumpriu, não sem alguma dificuldade, a proposta linda que nos fizemos desde sempre: a de compartilhar palavras, agora em mão dupla.

RELATO REAL

MENINO MALUQUINHO ENCONTRA A MENINA DOS FÓSFOROS

Autora: Sol Marins Cortez de Mendonça

Rio de Janeiro – RJ

Vicente tinha cinco e Inácio, três anos completos.

Sobrinhos muito amados. Sempre leio para os dois.

Sinto que eles me veem como “a tia que vem aqui ler pra gente”. Sempre pedem, mostram os livros novos, querem que eu releia os preferidos de cada um, disputam para ver quem vai escolher as histórias do dia. O texto flui sem interpretações, e eles gostam assim, se envolvem com a narrativa, entendem os enredos, percebem quando um e outro personagem ou o narrador estão falando. Sem voz esganiçada para mulher, grossa para homem ou tatibitate para criança. Ah, eles adoram, sim, uma gargalhada de bruxa! Morrem de medo da bruxa, riem da tia.

Para o Vicente, certa vez, li o original do meu segundo livro, o “Lá no meu quintal”. Sentados no banco detrás do carro, ele, com três anos, atento. Não tinha ilustração nenhuma, só o texto. E, pasme, eu lia o arquivo pelo celular. No final, surpresa! “Tia, por que você fez a tia do menino tão má?”.

Meu outro sobrinho, o Inácio, desde que sabe andar e tem força para carregar peso usando suas próprias mãos, vai à estante, escolhe o que quer, chega perto de mim e ordena: “Leia!”. Tem preferência pelos grossos e pesados. Uma vez, me trouxe o Código Civil todo feliz, acho que não tinha feito nem dois anos: “Leia!”. É súplica, ordem, pedido. Olha para mim apertando os olhos, sério, ansioso.

Antes mesmo de sentirem o que é ler, meus sobrinhos são leitores vorazes, interessados, valorizam as palavras. Gostam de ilustrações, mas sempre questionam quando não veem além do que o texto está dizendo. Isso é mágico!

Um dia, em uma noite em que eu lia um livro atrás do outro para eles, enquanto jantavam, Vicente avistou, na prateleira, “O Menino Maluquinho”, do Ziraldo. Foi à estante da sala, onde os livros dos pais moram junto com os dos filhos, e trouxe o volume encapado, páginas manchadas e amareladas.

– Olha, tia! Sabia que esse livro é velho porque era do meu pai, da Tia Helena e do Tio Antonio? De quando eles eram pequenos! – disse o Vicente – Agora é nosso!

– Eu também tenho o meu guardado! – falei.

Comecei a ler:

– “Era uma vez um menino maluquinho. Tinha o olho maior do que a barriga. Tinha fogo no rabo. Tinha vento nos pés...”

Contei a ele que de tanto ler, sabia algumas partes de cor. O Ziraldo era padrinho do Clube de Leitura da minha escola e, vez em quando, ia lá ler com os alunos, eu inclusive. Disse que virei escritora por causa de gente como Ziraldo.

– Eu também sei uma parte, tia – Vicente falou – Já li muitas vezes esse livro! – Me mostrou: “E macaquinhos no sótão...”

Olhei para a mãe deles e me lembrei de quando eu lia “O Menino Maluquinho” para ela. Eu, com 12 anos, minha irmãzinha com quatro. Agora os meninos dela! O mesmo exemplar do livro que os avós do pai e dos tios leram! Quanta emoção!

De repente, não consigo mais evitar e sou tomada por uma coceira no nariz e um frio na barriga. É uma das melhores sensações que se pode ter, juro.

Os meninos percebem o clima. Minha irmã ameaça rir de mim.

“Por que você está chorando, tia?”

“Ela está emocionada com o livro”, Marina fala, enquanto as minhas lágrimas pulam de galho em galho, olho em nariz, e escorrem para minha boca. Não enxugo. Não nada.

Eles não perguntam mais, investigam, admirados, a mais nova descoberta sobre os livros. Os pequenos olhos riem. As dúvidas estão vivas, brilhantes, mas eles guardam como tesouros.

Não sei se a voz trêmula da tia os perturba, mas tento não descompassar o ritmo da leitura, consciente de que eles estão sorvendo o mistério.

Olho para eles quando o livro chega ao final, que eles já conhecem.

Repito a palavra. Feliz.

Choro com vontade. Minha irmã liberta a gargalhada. O Inácio olha para a tia. Imita neném chorando.

Vicente guarda O Menino Maluquinho e já vai trazendo outro, escondendo o jogo, um sorriso sacizeiro que, sinceramente, quero guardar para sempre na memória cada vez que for ler para um maluquinho. Vicente abre o livro dos contos do Andersen e pergunta:

“Tia, agora você quer ler para mim a da menina vendedora de fósforos?”

E lá vai a tia, com os olhos ainda ardidos, ler a história da Menina dos Fósforos, um dos contos mais tristes recolhido e recontado por Andersen, no

começo do século XX. Sai o menino feliz e entra em cena uma menina que, na noite de Natal ou de Ano Novo, perambula pelas ruas no inverno europeu, descalça, sem pai nem mãe, sem comida, tentando vender caixinhas de fósforos.

Obviamente que ninguém compra nada e a menina segue, gélida, famélica e sozinha. Depois de sofrer bastante, a menina resolve usar palitinhos de fósforo para se aquecer e, então, eis que ela começa a ver algumas cenas.

Primeiro, ela vê mesmo o interior das casas ricas ao redor, com suas imensas ceias fartas e lareiras acesas. Até que, depois de acender uma caixa inteira de fósforos e, obviamente, não se aquecer, ela tem uma visão da avó, que já morreu obviamente. E o grand finale, pobre tia leitora em prantos, é a Menina dos Fósforos reencontrando sua falecida avó e, enfim, se aquecendo junto às estrelas brilhantes do céu.

Não queria chorar, tia?

RELATO FICCIONAL

VENDE-SE AMOR

Autor: Juliana Galvão Borel

Rio de Janeiro – RJ

O dever de casa daquele primeiro dia de aula tinha sido claro: escreva sobre algum livro que tenha lido durante as férias. A empolgação inicial logo deu lugar à preocupação. O livro que tinha lido havia me embaralhado um pouco e deixou três perguntas em ciranda dentro de mim.

Também, foi a primeira leitura que fiz por mim mesma, quer dizer, ninguém me deu aquele livro. Ele estava lá, entre os volumes que a mãe recebia de doação pra biblioteca da rua. Ela sempre me deixava pegar um ou outro, mas dessa vez não me ajudou a escolher. Então, peguei esse. Estava bem escondido, embaixo de um livro grosso com uma baleia na capa. Me chamou atenção a ponta azul que escapava ao peso da baleia.

Puxei o livro e me apaixonei pelo desenho da capa e pelo nome do autor na mesma hora. Gabriel seria o nome do meu filho um dia.

Animada, comecei a leitura de imediato, mas as dúvidas logo começaram a dançar estranho aqui dentro. Escorregavam de fininho da cabeça até o peito. Mas fui até fim. Depois, deixei o livro lá, na cabeceira da cama, como que esperando o dia pra trazer as perguntas de volta.

Encorajada pela tarefa da escola, catei o livro e sai em busca de um adulto que pudesse me explicar. Meu pai, sempre muito ocupado, pediu que eu perguntasse à minha mãe, que disse que meu pai explicaria melhor. Recorri então à pessoa mais legal da família: a avó.

Ao pegar o livro, ela apertou os olhos e falou:

– Desenho bonito esse da capa, parece até eu – e deu uma gargalhada pra lá de bonita. Tinha jeito de sino, sabe? – Mas esqueceu? Vovó não sabe ler. Lê pra mim, vamos.

Orgulhosa, entonei a voz e comecei. Entre uma frase e outra, olhava escondido pra ela só pra ver a reação. Parecia bem concentrada em cada palavra que eu dizia. Continuei.

A vó ria em algumas partes e em outras ficava com o rosto engraçado, bem franzido. Teve até uma hora que ela interrompeu assustada:

– Tem certeza que esse livro é pra criança?

– Ué, vó, tem uns desenhos bem bonitos aqui, olha – mostrei uma ilustração. – Não é linda?

Vovó examinou o livro.

– Continue, continue. Antes que seus pais interrompam.

Em alguns minutos terminei e já fui emendando as três perguntas.

– Calma, menina. Deixa a vó colocar as ideias no lugar.

Ela respirou fundo e demorou mais uns bons minutos pra responder. Fui ficando impaciente e achei logo que ela não tinha entendido, como eu.

Finalmente olhou pra mim.

– Pergunta.

– Não entendi qual é a profissão dela. O que é puta?

Vovó suspirou.

– Maríá dos Prazeres é prostituta.

– O que é isso?

– É uma moça que ganha dinheiro dando amor aos homens.

– Tipo como a mamãe dá pro papai?

Não entendi porque ela riu, mas foi logo se explicando:

– Não. Sua mãe não ganha dinheiro pra amar seu pai. Maríá dos Prazeres vende amor.

– Eita, vó. Nem sabia que a gente podia vender isso. Mas até que é bonito. Qualquer um pode vender, pode ficar rico assim?

– Qualquer um pode vender, mas é difícil ficar rico. Quem vende amor é quem menos recebe.

– Então como é que tem pra vender? Da onde que a Maríá dos Prazeres tira esse amor? – Tem gente que nasce pra se doar, que consegue ser feliz, mesmo quando tudo vai contra. Maríá é dessas pessoas.

– Hum... tá bom. Ainda tenho duas perguntas.

– Diga.

– Por que ela tem essa coisa de ficar esperando a morte, de querer comprar uma tumba? Lá na escola, a irmã da aula de religião vive repetindo que a vida é nosso maior presente. Ela não tinha que querer viver pra sempre?

– Ah, meu amor, Maríá dos Prazeres é como a vovó, muito, muito velha. A vida já valeu a pena. Chega uma hora que a morte vira só mais uma fase.

– Pra todo mundo?

– Pra todo mundo que entende que a vida também é só uma fase.

– Você tá esperando a morte, vovó? – fiquei meio assustada com aquele papo.

Ela sorriu.

– Não precisa se preocupar. Não vou embora tão cedo.

– Ah bom, porque eu ainda tenho uma última pergunta. Quem é esse homem no final? Ele é mais um comprador?

Ela abriu a boca umas três vezes e desistiu. Coçou a cabeça, abriu a boca mais uma vez e não disse nada. Por fim, olhou pra mim:

– O que você acha?

– Eu acho que é mais um comprador, mas acho que ele quer ser o último, sabe? Tipo levar a Maríá pra viver com ele, fazer umas viagens, conhecer, sei lá, a Disney.

– Então acho que ele pode ser isso, se você acha que ele é.

– Mas e você? Acha o quê?

– É... eu também acho que ele quer ser o último comprador.
Sorri satisfeita.
– Obrigada, vó. Acho que agora já posso escrever a redação pra escola.
– Maravi... Espera, pra escola? Bem, nesse caso, acho melhor você usar o nome que a vovó te falou pra profissão da María: prostituta. Essa palavra aí do livro é... digamos... é meio desconhecida, a professora pode não entender.
– Tá bom! Acho que vai ser o título.
Não ouvi o que ela gritou enquanto corria pra escrever a redação.
No dia seguinte, fui a terceira aluna a me apresentar para a turma. Estava bastante ansiosa e meu coração deu um solavanco quando a professora disse meu nome. Andei até a frente da sala, com o papel nas mãos e comecei:
A vendedora de amor.
Ela estava embaixo da baleia, doida pra vender mais um pouco de carinho...

N.A.: O texto faz referência ao livro *María dos Prazeres*, de Gabriel García Márquez

RELATO FICCIONAL

VOVÓ VIU O LIVRO

Autor: Antonella Flavia Catinari

Rio de Janeiro – RJ

Foi com Ivo que comi as uvas da Vovó e aprendi a ler. Isso se deu quando eu era bem pequena. Num tempo do qual não tenho muitas lembranças concretas, mas, sim, cheiros, sabores, sensações.

Esse momento em que comecei a ler, por exemplo, é ainda vivido como uma mágica. Por mais que todos os alfabetizadores, pedagogos e outros tantos estudiosos debatam e analisem o tema, a verdade é: ninguém ainda conseguiu descrever como se dá aquele instante preciso em que algo que até então não fazia o menor sentido se transforma na porta aberta para um outro universo: a aprendizagem da leitura.

Eu adoraria reviver essa experiência, daria tudo para isso. Gosto até de brincar de que não sei ler quando tenho a oportunidade de me deparar com um texto em algum idioma bem distinto do português. Mas não funciona muito bem, não. Como já vivencio conscientemente o processo, a brincadeira perde a graça. Falta aquele olhar da primeira vez.

Minha professora no ano em que aprendi a ler chamava-se Dona Margarida. Naquele tempo, as professoras eram Donas e Senhoras, nada de tias e vocês. Mas isso não significa que ela não fosse simplesmente venerada por mim. Uma das sensações prazerosas da escola era a de me perder no brilho do reflexo do sol nos longos cabelos castanho-claros de Dona Margarida. E eu sonhava que, quando crescesse, iria ser igual a ela: linda, boa e sorridente. Julgo-me completamente desautorizada a afirmar se o tal sonho se concretizou ou não.

Aprender a ler veio também com dois outros prazeres sensoriais. Um, o gosto do café com leite morninho servido na hora da merenda num copo de plástico azul. Nunca mais, em lugar nenhum, consegui tomar um café com leite que se igualasse àquele. Eu já até desisti de procurar; será em vão essa demanda. O outro, o cheiro da goma que minha avó preparava para engomar

as fitas com que fazia os laços de minhas marias—chiquinhas para ir à escola. Eu ficava absorta vendo aquelas fitas começarem tão molengas e depois ficarem tão durinhas e se transformarem naqueles laços imensos que ficavam parados no ar enquanto eu caminhava até a escola. A minha preferida era a fita azul celeste. Não sei se pela cor exatamente ou por imaginar que pudesse carregar um pouco do céu nos meus cabelos.

Nessa época, morávamos muitas pessoas no mesmo apartamento: minha avó, minha mãe, minha tia Júlia e meu tio, meus primos e minha outra tia, a Violeta. Além de mim, é claro. Eu dividia um quarto com minha mãe, minha avó e essa minha tia Violeta. Era um apartamento de dois quartos e o movimento era incessante. Hoje sei exatamente em que situação econômica a família se encontrava, mas, para uma criança, nada disso tinha importância se ela se divertia, recebia atenção e não faltava comida à mesa.

Minha mãe, meu tio e minha tia Violeta trabalhavam o dia todo, assim eu mal os via. Meu primo mais velho estudava num colégio interno, o outro era um bebê. Minha tia Julia se ocupava da casa e do bebê. Dessa forma, quem ficava comigo e foi minha grande companheira era minha avó.

Em nossa casa havia pouquíssimos livros. Nem Bíblia existia, porque era uma família comunista, então nada de ópio do povo dentro de casa. Lembro-me de uns livros grandes, de capa dura e verde, cheios de figurinhas, com umas páginas com grandes imagens coloridas, que eu adorava mesmo antes de saber ler, exatamente por conta das ilustrações. Depois vim a saber que eram enciclopédias compradas por meu avô, — que não cheguei a conhecer —, antes de falecer e consistiam no maior tesouro de minha avó.

Por conta disso, as primeiras histórias que ouvi quando criança não eram as que estavam nos livros, mas as que minha avó trazia consigo desde sua infância, mescladas aos causos escutados nos anos em que viveu numa fazenda no interior do Uruguai, em plena pampa, em meio a contos de valentes “gauchos” (assim sem acento mesmo!) e intrépidos “charruas”, os indígenas que povoavam aquelas terras e que foram dizimados. Histórias de cavalgadas e assombrações, donzelas traídas e abandonadas, crianças raptadas por lobos e pumas. Eu as escutava com um misto de terror e êxtase, ao mesmo tempo torcendo para que elas terminassem e eu fosse dormir e para que elas não findassem jamais e eu pudesse viver naquele tempo tão diferente de tudo o que eu conseguia imaginar. E as histórias invadiam meus sonhos, às vezes em forma de pesadelo, às vezes em forma de sonhos lindos que eu transformava em desenhos no dia seguinte.

Quando aprendi a ler, um certo dia, porém, minha avó, ao me ver maravilhada com a nova descoberta, disse que iria me levar a um lugar muito especial: a biblioteca municipal de nosso bairro. Soube depois que ela havia comentado com uma vizinha que eu aprendera a ler e a tal vizinha a aconselhara que fizesse isso. Ao chegarmos lá, achei aquele lugar a maravilha das maravilhas, ou “o suco dos sucos”, como eu viria a dizer depois de ser apresentada a uma tal menina do nariz arrebitado. Um monte de livros, de todos os tamanhos, formas, cores ali me esperando, ávidos para que eu os escolhesse e os retirasse daquela vida pacata e poeirenta das estantes. A moça da biblioteca perguntou se eu sabia ler direitinho e me deu um volume dizendo que eu iria gostar muito daquele livro.

Que moça sabida! Acertou em cheio. Comecei a ler *Reinações de Narzinho* e não conseguia mais parar. Eram horas a fio devorando aquelas

aventuras, rindo às gargalhadas com as primeiras palavras de Emília, amando de paixão aquela avó quase tão maravilhosa como a minha, desejando que meu primo fosse igual ao Pedrinho. Minha avó começou a ficar cismada. Me chamava para ir à pracinha brincar, mas eu só aceitava se a turma do Sítio fosse junto. Me chamava para fazer cocada preta com ela e eu demorava a chegar à cozinha porque faltava sempre mais um pouquinho para terminar aquele capítulo.

Até o dia em que ela me flagrou aos prantos num canto da casa com o livro no colo. Engolindo lágrimas e o que escorria do nariz, acabei desembuchando o que me deixava tão infeliz: é que o livro ia acabar. Faltava pouquinho e eu ia ficar sem aqueles amigos para sempre. Foi quando ela teve aquela ideia genial (as avós são a melhor invenção da humanidade!): por que eu não lia para ela em voz alta o livro todo de novo? Eu achei aquela proposta meio maluca, mas ela me disse que, como ela era uruguaia e o Lobato era brasileiro, ela nunca tinha lido os livros dele.

Topei. E assim começamos uma nova história. Agora era a neta quem lia as histórias de Dona Benta e seu Sítio para a avó. Que ouvia encantada e se divertia da mesma forma que a neta, voltando à infância de sua fazenda por meio das estripulias de Emília e companhia. Naquele tempo eu nem desconfiei. Fiquei achando durante um bom período que ela tinha inventado aquilo tudo só para me agradar e arranjado uma maneira de que eu ficasse mais um tempo com o livro tão amado. Só muitos anos mais tarde fui conhecer a verdade por trás de tudo. Minha avó era analfabeta. Mal sabia assinar o nome. Criada no interior do interior, numa família tradicional, em que mulher não precisava ler, ficou assim.

Mas Monteiro Lobato veio mudar tudo isso. Com vontade de ler por sua própria conta os livros para adultos do meu autor preferido, ela também começou a juntar as letrinhas e a magia aconteceu. Mas essa já é outra história.